

I

ONDE SE COMEÇA A
NÃO COMPREENDER

Não é sem uma certa emoção que vou começar a contar as aventuras extraordinárias de Joseph Rouletabille. Até agora, ele opusera-se tão categoricamente a esta ideia que, para meu desespero, eu acabara por ter dúvidas se um dia conseguiria publicar a mais curiosa história policial destes últimos quinze anos. Cheguei até a pensar que o público nunca teria conhecido a história do *Quarto Amarelo*, fonte de dramas tão misteriosos, cruéis e sensacionais, história à qual o meu amigo esteve tão intimamente ligado, se um vespertino não tivesse desenterrado, num artigo de miserável ignorância ou audaciosa perfídia, a propósito da recente nomeação do ilustre Stangerson para a grã-cruz da Legião de Honra, uma aventura terrível que Joseph Rouletabille teria desejado, segundo me disse, esquecida para sempre.

O Quarto Amarelo! Quem se lembra ainda desse caso que fez correr tanta tinta há quinze anos? As pessoas esquecem-se tão depressa, em Paris... Não foi o que aconteceu ao nome que constava do processo Nyaves e à história trágica da memória do pequeno Menaldo? E, contudo... nessa época a atenção do público estava tão focalizada nos debates que mesmo uma crise ministerial, que entretanto rebentara, passou completamente despercebida. Ora, o julgamento do *Quarto Amarelo*, alguns anos antes do caso Nayves, teve muito maior repercussão. Durante meses, todos se interessaram por esse enigma obscuro — segundo creio, o enigma mais obscuro ao qual se confrontaram a perspicácia da nossa polícia e a consciência dos nossos juízes. Todos procuraram a solução desse problema capaz de fazer perder a razão. Foi como uma charada dramática sobre a qual se obstinaram a velha Europa e a jovem América. Na verdade — tomo a liberdade de o dizer, porque em tudo isto não pode haver lugar para o amor-próprio do autor e porque me limito a transcrever factos sobre os quais uma documentação excepcional me permite trazer uma luz nova — não me parece que, tanto no domínio da

realidade como no da imaginação, mesmo no autor de *Os Crimes da Rua Morgue*, nas invenções dos aspirantes a Edgar Poe e dos truculentos Conan Doyle, seja possível recordarmo-nos de algo comparável, QUANTO AO MISTÉRIO, ao «mistério natural do *Quarto Amarelo*».

Quem conseguiu desvendar o que ninguém se mostrou capaz de descobrir, foi o jovem Joseph Rouletabille, então com dezoito anos, repórter de um grande jornal! Porém, quando levou a chave de todo este caso ao tribunal, não contou toda a verdade, revelou apenas o que era estritamente necessário «para explicar o inexplicável» e para conseguir inocentar um acusado. Hoje, os motivos que tinha para se calar já desapareceram. Mais ainda: o meu amigo «deve» falar. Portanto, os leitores irão saber tudo e, sem me alongar mais, vou começar a expor-lhes o problema do *Quarto Amarelo* tal como ele surgiu perante todos, logo a seguir ao drama do castelo de Glandier.

No dia 25 de Outubro de 1892, o jornal *Temps* publicava, nas colunas da última hora, a seguinte notícia:

«Na noite passada ocorreu um crime horrroso em casa do professor Stangerson, em Glandier, na orla da floresta Sainte-Geneviève, no alto de Epinay-sur-Orde. Enquanto o professor trabalhava no seu laboratório, a menina Stangerson, que descansava num quarto contíguo, foi vítima de uma tentativa de homicídio. Os médicos não podem assegurar que ela sobreviverá.»

Imaginam a emoção que se apoderou de Paris. Nessa época, o mundo culto já estava extremamente interessado pelos trabalhos do professor Stangerson e da sua filha, os primeiros que foram tentados sobre a radiografia e que, mais tarde, conduziram à descoberta do rádio pelo casal Curie. Aliás, na Academia das Ciências, aguardava-se a leitura de uma dissertação sensacional do professor Stangerson sobre a sua nova teoria, intitulada *A Dissociação da Matéria*, destinada a abalar os fundamentos de toda a ciência oficial, que repousava há tanto tempo no princípio «nada se perde, nada se cria».

Os matutinos do dia seguinte dedicavam várias páginas a este drama. Entre outros, o redactor anónimo do jornal *Le Matin*, publicava o seguinte artigo, intitulado «Um Crime Sobrenatural»:

«Estes são os únicos pormenores que conseguimos obter sobre o crime do castelo de Glandier. O estado de desespero do professor Stangerson, a impossibilidade de poder obter qualquer informação útil da boca da própria vítima, dificultaram tanto as nossas investigações e as investigações da justiça que, a esta hora, não podemos ter a menor ideia do que se passou no Quarto Amarelo, onde encontraram a menina Stangerson agonizando no chão, em camisa de noite. Pelo menos conseguimos entrevistar o pai Jacques — como o chamam na região —, um velho criado da família Stangerson, que entrou no Quarto Amarelo ao mesmo tempo que o professor. O quarto é contíguo ao laboratório, ambos ficam num pavilhão, no fundo do parque, a cerca de trezentos metros do castelo.»

«“Era meia-noite e meia quando tudo aconteceu”, contou-nos esse bom homem. “Eu estava no laboratório onde o sr. Stangerson ainda trabalhava. Tinha passado a noite a arrumar e a limpar os seus aparelhos e esperava que ele se fosse embora para me deitar. A menina Mathilde trabalhara com o pai até à meia-noite. Quando soaram as doze badaladas no relógio de cuco do laboratório, ela levantou-se, beijou o pai, desejou-me boa noite e abriu a porta do Quarto Amarelo. Ouvimo-la girar a chave e correr o fecho, de modo que não consegui deixar de rir e disse ao meu senhor: — ‘A menina fecha-se bem... Vê-se como tem medo de ‘A Fera do Bom Deus!’ O professor estava tão absorvido que nem sequer me ouviu. No entanto, um miado abominável respondeu-me no exterior, miado que reconheci, precisamente, como o de ‘A Fera do Bom Deus!’... Até arrepiava... Pensei logo: ‘Será que ainda nos vai impedir de dormir esta noite?’’, pois devo dizer-lhe, senhor, que actualmente durmo no sótão do pavilhão, por cima do Quarto Amarelo, até ao final de Outubro, só para que a menina não passe a noite aqui sozinha, no fundo do parque. Foi ela que teve a ideia de se instalar no pavilhão na melhor época do ano; acha-o certamente mais agradável que o castelo e desde que o construíram, há quatro anos, nunca deixou de se mudar para aqui logo que chega a Primavera. No regresso do Inverno, volta para o castelo, pois não há chaminé no Quarto Amarelo.

«“Portanto, como dizia, eu e o sr. Stangerson ficámos no pavilhão. Não fazíamos nenhum ruído. Ele estava sentado à sua mesa. Quanto a mim, como acabara o meu trabalho, sentara-me numa cadeira, olhava para ele e dizia para comigo: ‘Que homem! Que inteligência! Que sabedoria!’ Considero muito importante o facto de não termos feito nenhum ruído, pois ‘foi precisamente por isso que o assassino deve ter pensado que já tínhamos abandonado o pavilhão’. No entanto, quando o cuco assinalou exactamente os trinta minutos depois da meia-noite, ouvimos, subitamente, um clamor desesperado vindo do Quarto Amarelo; era a voz da menina que gritava: ‘Acudam!... Ao assassino! Querem matar-me!... Socorro!... Papá!... Papá!’ Logo a seguir, ouvimos dois tiros de revólver e um grande ruído de mesas, de móveis derrubados, e, mais uma vez, a voz da menina que gritava: ‘Socorro!... Ao assassino!... Papá!... Papá!’

«“Imagina o pulo que demos e como corremos para a porta. Infelizmente, como já lhe disse, a menina fechara-a, e bem, ‘do interior’, girando a chave e correndo o fecho. Tentámos arrombá-la, mas era sólida. O sr. Stangerson parecia ter enlouquecido e, realmente, havia razão para isso, pois continuávamos a ouvir a menina que arquejava: ‘Acudam!... Socorro!...’; o pai dela dava murros terríveis na porta, chorava de raiva, soluçava de desespero e impotência.

«“Foi então que tive uma inspiração e exclamei: ‘O assassino deve ter entrado pela janela. Vou até lá!’”, e saí do pavilhão, correndo como um possesso!

«*Infelizmente, a janela do Quarto Amarelo dá para o campo, de modo que o muro do parque que acaba no pavilhão não me permitia chegar imediatamente a essa janela. Primeiro, tinha de sair do parque. Corri ao lado do gradeamento e, pelo caminho, encontrei Bernier e a esposa, os porteiros, que chegavam, atraídos pelas detonações e pelos nossos gritos. Em poucas palavras, informei-os da situação; pedi a Bernier que fosse ter imediatamente com o professor Stangerson e ordenei à sua esposa que me acompanhasse para me abrir as grades do parque. Cinco minutos depois, estávamos diante da janela do Quarto Amarelo. Nessa noite havia um belo luar e vi nitidamente que ninguém tocara na janela. Não só as grades estavam intactas, como, atrás delas, as portadas estavam fechadas tal como eu as deixara, tal como faço todas as noites, apesar de a menina, ao ver o meu extremo cansaço e a minha sobrecarga de trabalho, me ter dito para que não me incomodasse hoje, pois ela própria encarregar-se-ia das tarefas no seu quarto. E assim tinham ficado, fechadas por dentro, tal como eu tivera o cuidado de fazer. Por conseguinte, o assassino não passara nem escapara por ali, mas eu também não podia entrar!*

«*Que desgraça! Uma pessoa teria perdido a cabeça por muito menos. A porta do quarto estava fechada à chave ‘por dentro’, tal como as portadas da única janela e, ainda por cima, as suas grades estavam intactas, nem um braço teria conseguido passar através delas... E a menina que gritava por socorro!... Ou melhor: tínhamos deixado de ouvir os seus gritos... Talvez estivesse morta... Mesmo assim, ainda me chegava o som, vindo do fundo do pavilhão, do senhor que tentava arrombar a porta...*

«*Eu e a porteira retomámos a nossa corrida e voltámos ao pavilhão. A porta continuava a aguentar solidamente, não obstante as pancadas furiosas do sr. Stangerson e do porteiro. Por fim, cedeu sob os nossos esforços raivosos e o que vimos? Devo dizer-lhe que, atrás de nós, a porteira segurava na lâmpada de reflectores do laboratório, uma lâmpada poderosa que iluminava todo o quarto.*

«*Devo ainda dizer-lhe, que o Quarto Amarelo é muito pequeno. A menina mobilara-o com uma cama de ferro bastante larga, uma mesa-de-cabeceira, uma mesinha, uma pequena cómoda e duas cadeiras. Assim, à luz da grande lâmpada que a porteira trazia, vimos tudo logo ao primeiro relance de olhos. A menina estava deitada no chão, com a sua camisa de noite, no meio de uma desordem incrível. Mesas e cadeiras tinham sido derubadas, mostrando que houvera uma séria ‘disputa’. A menina fora certamente tirada da cama; estava cheia de sangue, com arranhões horríveis no pescoço — as unhas quase tinham arrancado a carne — e um buraco na frente direita, por onde escorria um fio de sangue que formara uma pequena poça no chão. Quando o sr. Stangerson viu a filha naquele estado, correu para ela soltando um grito de desespero que metia dó. Constatou que a*

infeliz ainda respirava e ocupou-se exclusivamente dela. Quanto a nós, procurávamos o assassino, o miserável que quisera matar a nossa senhora e juro-lhe, senhor, que se o tivéssemos encontrado, ele teria passado um mau bocado... Mas como explicar o facto de ele já lá não estar, de já ter escapado?... Isso ultrapassava qualquer imaginação. Ninguém debaixo da cama, ninguém atrás dos móveis, absolutamente ninguém! Só encontramos as marcas da sua presença: na parede, marcas ensanguentadas de uma larga mão de homem; perto da porta, um grande lenço, sem iniciais, sujo de sangue, e uma boina velha; e, no chão, a marca, ainda fresca, dos passos do intruso. Devia ter um grande pé e os seus sapatos tinham deixado um rasto parecido com fuligem escura. Por onde passara? Por onde sumira? Não se esqueça, senhor, que não há chaminé no Quarto Amarelo. Não podia ter escapado pela porta, muito estreita, e à entrada da qual estava a porteira com a lâmpada de reflectores, enquanto eu e o marido dela procurávamos o assassino no pequeno espaço quadrado do quarto, onde era impossível alguém esconder-se e onde, aliás, não víamos ninguém. A porta arrombada e encostada à parede não podia dissimular nada, como, aliás, nos certificámos. Não havia fuga possível pela janela que permanecera fechada e ninguém tocara nas portadas e nas grades. E então? Então... comecei a acreditar no diabo.

«“Mas eis que nessa altura descobrimos o ‘meu revólver’ no chão. Sim, o meu próprio revólver... Isso trouxe-me de volta à prosaica realidade! O diabo não teria precisado de roubar o meu revólver para matar a menina. O homem que por ali passara começara por subir ao meu sótão, tirara o meu revólver da gaveta onde eu o arrumo e servira-se dele para os seus malvados propósitos. Foi então que, ao examinarmos os cartuchos, constatámos que o assassino disparara dois tiros. Apesar de tudo, no meio de tanta desgraça, tive a sorte de o sr. Stangerson estar no laboratório quando tudo aconteceu, pois assim ele pôde constatar, pelos seus próprios olhos, que eu também lá estava, pois não sei onde teríamos ido parar com esta história de revólver. Cá por mim, já estaria preso; a justiça não precisa de mais para enviar um homem para o cadafalso!”»

O redactor do *Le Matin* acrescentava as seguintes linhas a esta entrevista:

«Deixámos o pai Jacques contar grosseiramente o que sabe sobre o crime do Quarto Amarelo, sem o interrompermos. Transcrevemos as suas próprias palavras, sem as alterar, poupando apenas ao leitor os lamentos constantes com que polvilhava a sua história. Entendemos, pai Jacques! O senhor gosta dos seus padrões! Precisa que todos o saibam e não pára de o repetir, sobretudo depois da descoberta do revólver. Está no seu direito e não vemos qualquer inconveniente nisso! Teríamos gostado de fazer mais